

MARTA SANTOS



OH, QUE PEÑA!

SECRET
SOCIETY

QUACK
QUACK



QUACK
QUACK



QUACK

QUACK

QUACK



*para a Marta de dez anos que sempre quis ser escritora
e para todos os que amam um bom clichê*



Prólogo



O molho de tomate mata

O molho de tomate pode causar morte súbita.
Não sabiam?

Pois. Eu também acabei de descobrir..

Há pegadas, manchas e salpicos encarnados por todo o sofá branco, que é bem capaz de custar mais do que a minha casa. O cenário é digno de um filme de terror, e uma dor sufocante aperta-me o peito enquanto avalio os estragos na cozinha e na sala.

Não acredito que vou ser despedida no meu primeiro dia!

DESPEDIDA... NO MEU PRIMEIRO DIA...

As minhas mãos gelam e começam a tremer. Olho de soslaio para a Clara, que sorri entretida com uma embalagem de queijo ralado na mão.

Inspiro. Expiro.

Tento respirar fundo e fugir à realidade. Isto não está a acontecer. O meu mundo não está a desabar. *Por favor, que tudo isto seja um sonho.*

É então que o vejo.

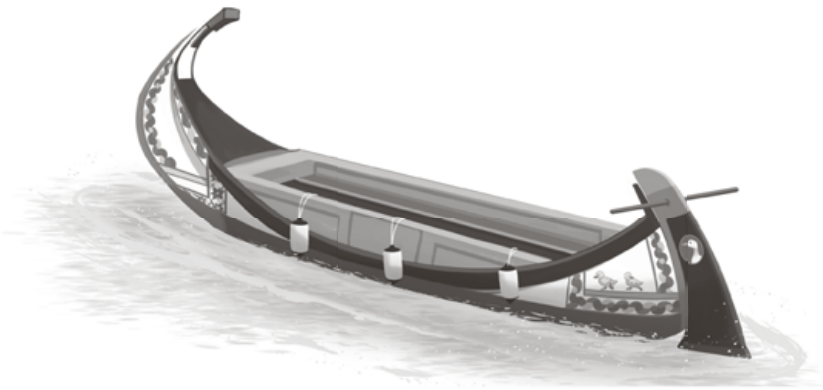
Com os seus olhos castanho-chocolate, o cabelo ainda molhado, de tronco nu e com aquele maldito canto do lábio arqueado num sorriso trocista.

Ele.

Com a sua boa disposição excessiva, o cabelo eternamente despenteado e as piadas desconcertantes.

Ele.

Preferia ter envenenado alguém a admitir que preciso da ajuda dele.



Capítulo 1



Aroma a brisa do mar

O anfiteatro está cheio, mas os olhares aborrecidos dos meus colegas recordam-me do meu erro ao achar que Engenharia do Ambiente envolvia mais gaivotas e menos cálculo. Podíamos estar a limpar praias, a organizar manifestações ambientais e a cuidar de animais, mas alguém se lembrou de que seria uma brilhante ideia adicionar letras à matemática.

Estou a tentar perceber os rabiscos no quadro quando o meu telemóvel vibra no bolso do casaco de ganga.

É bom que estejas sentada!

Emília

Nunca ninguém proferiu tais palavras para depois dizer algo bom.

A minha mudança para Londres está finalmente a dar frutos! Depois do trauma com o louco por cobertura de cupcakes achei que não iria acontecer, mas...

Emília

Encontrei o amor da minha vida!

Emília

NA LAVANDARIA!

Emília

A mão que levo à boca não é suficiente para abafar o som de choque que me escapa. Todos os 148 alunos fitam-me, surpreendidos. Sustenho a respiração, imóvel, até que um sorriso lento se desenha no rosto do professor.

— É este o entusiasmo que gosto de ver nos polinómios de Taylor! — diz, satisfeito, no seu conjunto amarelo-torrado e verde. Será que se olhou ao espelho e achou que, assim vestido, seria a personificação do profissionalismo e genialidade? — Vamos avançar para uma análise qualitativa de funções reais.

Aceno em silêncio, concentrada em manter a expressão neutra, enquanto a atenção da sala regressa, gradualmente, ao quadro.

Nota mental: pesquisar o que raio são polinómios de Taylor.

Estás aí? Amo-o, Amélia! Acho que vamos casar!

Emília

Arrumo depressa as minhas coisas assim que a aula termina e caminho para o centro do campus. Os tijolos alaranjados da Universidade refletem a luz do meio-dia, e centenas de corpos atarefados percorrem o pátio entre os departamentos. O meu vestido verde esvoaça com a brisa, e o casaco de ganga, velho amigo das minhas aventuras do ensino secundário, acompanha cada movimento dos meus ombros curtos. Baixinha, ruiva e decidida, tento fazer parecer que domino o mundo, mas a brisa marítima insiste em transformar o meu cabelo em algo que se assemelha a um incêndio descontrolado.



— Conta-me tudo! — digo, entre dentadas na minha sandes de atum, assim que a cara da Emília aparece no ecrã.

— Tenho de sussurrar porque o amor da minha vida está a dormir — afirma, andando de um lado para o outro pela cozinha.

— Dormiu aí? — Elevo a sobrancelha, recordando todos os documentários de True Crime que já vi.

— Fez-me uma massagem! Não é querido? — suspira, apaixonada.

— Querido? — Reviro os olhos. — Receber uma massagem de um desconhecido é só outra expressão para «quero ser assassinada na minha própria casa».

— Vai finalmente acontecer... — continua Emília, completamente alheia aos meus avisos. — Vou finalmente casar! Ele tem cabelo loiro, brilhante, e... Agora que digo isto, ele é bastante parecido com o Miguel, para ser honesta — diz de forma pensativa. — Não que isso interesse, ele é muito mais bonito que o teu Miguel. Devias tê-lo visto na lavandaria, a abrir a máquina com aqueles braços musculados...

As descrições de como este total desconhecido é sensual, divertido e estranhamento perfeito, vão-se esmorecendo lentamente, à medida que a minha atenção se escapa para o nome Miguel e para um pensamento bem menos entusiasmante: o meu próprio namorado não me diz nada há horas.

Não que isso signifique alguma coisa, certo? Provavelmente está ocupado. Ou sem bateria. Ou a dormir. As pessoas dormem. Não é?

Respiro fundo. O contexto é importante.

Eu e o Miguel somos... improváveis. Há três meses, apanhou-me desprevenida quando me pediu em namoro no terraço do Fórum Aveiro, depois de anos de amizade confortável e sem ambiguidades. Não sei se foi a vista sobre a cidade, o cheiro das flores ou a pura inércia emocional, mas eu disse que sim. Um



«sim» um pouco confuso e desconfortável, mas naquele momento, parecia mais simples avançar do que questionar.

Desde então, tenho-me esforçado por sentir o que se espera que sinta. A alegria contagiante do seu sorriso. As borboletas na barriga quando me abraça. A química ao fixar os seus olhos verdes, tão familiares como a ria. Há carinho, há hábito, há conforto. E há também silêncios estranhos, beijos pouco sincronizados e uma intimidade que nunca parece totalmente nossa. Tento concentrar-me no que funciona. Nem sempre consigo.

Enquanto caminho, sinto o pulsar da cidade à minha volta. O vento carrega o cheiro de água salgada misturado com o aroma a café vindo das esplanadas. Estudantes apressados cruzam-me o caminho, bicicletas passam com calma, carros deslizam pela estrada e o riso distante de crianças numa praceta mistura-se com o grasnar das gaivotas. Há um ritmo próprio, uma cadência calma, mas viva.

Envio mais uma mensagem ao Miguel e, pela primeira vez, a ideia de estar a ser ignorada pesa mais do que gostaria de admitir.

— Nem sei o nome dele, mas já sei que é para a vida! —
Emília continua, radiante, mas o meu cérebro tropeça na informação. *Terei ouvido bem?*

— Espera... acabaste de dizer que nem sabes o nome dele? Mi, tens um gajo completamente desconhecido na tua cama!

— Não é um desconhecido! — defende-se, tentando não rir.
— Sei que usa detergente com cheiro a brisa do mar. Não é sexy?
— Um sorriso teima em formar-se nos meus lábios. — E ainda sabe separar a roupa branca da escura. Mel, é perfeito!

— Sabes que até o meu pai sabe separar a roupa, certo? — comento, incrédula.

— Não me admira — suspira —, com o pó e as manchas que ele deve trazer das obras. O Sr. Fernando é o pai mais fixe do mundo, depois do meu, e aposto que também é fã de detergente com cheiro brisa do mar. — Ri-se antes de continuar — Agora



diz-me, o que achas de um casamento nas Maldivas? Demasiado? Depois da forma como ele me beijou...

Um chiar de travões corta-me a respiração e o mundo abrandada. Uma buzina congela-me no meio da passadeira, com um pé no ar como uma estátua particularmente descoordenada. O coração dispara, batendo descontrolado. Durante um segundo inteiro, um segundo demasiado longo, tenho a sensação de que vou morrer... atropelada... com uma sandes na mão.

— Amélia, estás bem? — Ouço a voz alarmada da Emília através do telemóvel caído no alcatrão.

Por um lado, fui salva pelo Universo para não ter de ouvir o que iria sair da boca da Emília. Por outro, acabo de receber uma reprimenda pública de um condutor que, claramente, tirou a carta por correspondência e parece achar que as passadeiras são meramente decorativas.

Levanto os olhos.

Um carro descapotável, daqueles que parecem vir com ego incluído, está parado a poucos metros de mim. Ao volante, um rapaz de cabelo escuro desalinhado, olhos com um brilho quase ofensivo e um maxilar tão bem definido, que me faz quase esquecer que estava a centímetros de ser atropelada.

Ele sorri.

Sorri?

O ar volta de repente, num puxão desajeitado, como se me tivesse lembrado que respirar ainda é uma necessidade básica. Com a camisa amarrotada e meio aberta, sorri-me como se isto fosse um encontro casual e não uma tentativa falhada de homicídio involuntário.

A audácia!

Estou a meio de lhe devolver o sorriso sob a forma de um dedo do meio quando o amigo, sentado no lugar do pendura, atira uma beata de cigarro para a estrada.



Sem pensar, apanho a beata ainda quente, apago-a no chão e lanço-a de volta para dentro do carro. Eles mal têm tempo de reagir.

— Ou estão a esforçar-se muito para cumprir o estereótipo de condutor de BMW — digo, ainda ofegante do susto — ou não sabem que uma beata pode demorar até dez anos a degradar-se. Ao contrário da vossa noção de civismo, que claramente desapareceu há bastante mais tempo.

O silêncio que se segue é profundamente satisfatório. A mão do condutor aperta o volante, e a surpresa pinta-lhe a cara.

— Estás bem? — A voz do condutor é mais grave do que eu esperava. O meu olhar prende-se nas suas feições irregulares, quase como se fossem um quadro. Um quadro demasiado atraente para o quanto me está a irritar, mas não tão irritante quanto a pressão do olhar do amigo dele nas minhas pernas.

— Desculpa, linda! O meu nome é João e este é... — Já conheceram alguém que consegue falar sem vos tirar os olhos do corpo?

— Não quero saber! Foi um gosto não vos conhecer. Para a próxima, tentem não matar pessoas e não espalhar lixo ao mesmo tempo — digo, interrompendo-o.

Viro-me, tentando não correr, apesar de estar muito atrasada para o meu trabalho, quando um som me faz congelar:

— Então, podemos fazer as duas coisas... mas em separado?

Olho para trás, surpreendida por sequer terem coragem de responder, e deparo-me com ele: de pé, no lugar do condutor, empoleirado no vidro, com a camisa a esvoaçar e o cabelo ainda mais despenteado do que já estava. Os olhos brilham, como as árvores em flor dos dois parques que cercam a avenida e, com toda a convicção, ele pisca-me o olho.



Capítulo 2



Tripa com chocolate de avelã

Depois de acalmar uma Emília em estado de quase pânico, de correr feita louca e de quase tropeçar nas escadas do Fórum, finalmente chego à barraquinha pitoresca de tripas avei-renses. É a terceira vez esta semana que chego atrasada, e, antes sequer de abrir a boca para pedir desculpa, o Sr. Zé já me está a atirar o avental e a gritar que me despache.

Comecei a trabalhar aqui por acaso. Um dia, vim comer o meu doce favorito — tripa de ovos moles — e reparei num cartaz a anunciar que estavam à procura de pessoas. Não pensei duas vezes. O Sr. Zé precisava de alguém com energia e paciência. Eu precisava de ganhar algum dinheiro para financiar o meu projeto do abrigo de patos no parque da cidade. Perfeito.

Já com a prensa a 200 °C, começo a aceitar pedidos: bolachas americanas crocantes, tripas de ovos moles, de chocolate ou até de fiambre e queijo, escolha esta que revela rapidamente os ma-lucos da sociedade.

O cheiro doce da massa mistura-se com o tom animado das vozes à minha volta. A ria também se faz ouvir quando os moli-ceiros passam, provocando uma ondulação suave, cada um com o nome pintado, como uma dedicatória silenciosa. Nas pontes,

fitas coloridas balançam ao vento, símbolos de amores prometidos. Sorrio, lembrando-me do dia em que eu e a Emília amarrámos o nosso fio amarelo fluorescente, para que se destacasse sempre entre os outros: impossível de ignorar, impossível de esquecer. Muitos sonham com Veneza pelos seus canais, ou com Paris pela ponte dos cadeados, mas para mim é em Aveiro que encontro serenidade. Em cada esquina, quase como se a própria cidade respirasse.

Volto a olhar para o telemóvel. Nenhuma mensagem, nenhuma chamada... Nada. O Miguel ainda não me respondeu, e a minha mente já construiu uma centena de catástrofes hipotéticas. Terá caído na ria? Foi levado por uma gaivota? Engasgou-se com um ovo mole? Tropeçou nas salinas? Apanhou o comboio errado e foi parar ao Porto?

Já estou no capítulo 47 desta novela mental quando, claro — porque isto tem de acontecer assim — ele aparece. Exatamente no momento em que estou a imaginar o funeral dele com uma banda sonora dramática e chuva de fundo.

Miguel. Inteiro. Vivo. Sorridente.

E de mãos dadas com alguém que definitivamente não sou eu.

Não sinto o coração bater, o que só pode significar uma coisa: morri. É a única explicação plausível. Estou oficialmente morta ou, no mínimo, a atravessar uma alucinação particularmente cruel.

A possível sequestradora do meu namorado tem cabelo escuro, pestanas longas, olhos azuis cristalinos, e um decote... bem, um decote que definitivamente devia ser ilegal.

Ela sorri-me.

— Olá! Uma tripa de chocolate de leite, por favor.

Básica. Muito básica. E é nesse instante que o Miguel me vê. O sorriso dele falha por um segundo, quase impercetível.



— Mel... eu não sabia que estavas a trabalhar hoje — diz. A voz trai-o no início, recompondo-se rapidamente, ao encenar uma calma que não existe. — Como está a correr o dia?

Portanto, é isto. Traída por um rapaz com quem eu nem sequer tinha a certeza de querer namorar. Isto só pode ser uma piada. daquelas de mau gosto. Talvez haja câmaras escondidas.

— Esta é a Camila! — acrescenta ele, orgulhoso, mas com um ligeiro tremer nas mãos. — Já vos queria apresentar há algum tempo.

Como sempre, o cabelo loiro do Miguel está bem arranjado e a camisa, abotoada até ao último botão, não tem um único vinco. É algo que sempre me inquietou, mesmo quando éramos apenas amigos. Nunca um único fio de cabelo saía do lugar quando mergulhávamos nas ondas geladas da Praia da Barra. As sapatilhas brancas nunca ficavam sujas, nem sequer quando me acompanhava ao parque para ver os patos do abrigo. Nunca vi uma pestana fora do sítio, um sorriso torto, um comentário impensado. *Como é que alguém consegue estar sempre impecável ao ponto de deixar os outros desconfortáveis?* Era tudo perfeito. Demasiado perfeito.

— Não me dizes nada e agora apareces com outra? — digo, sem conseguir disfarçar a tensão na voz. Podia tentar ser profissional, mas a pausa para a casa de banho do meu patrão calhou demasiado bem para fingimentos. — O que raio se está a passar?

— Outra? — pergunta Camila — Mas aconteceu alguma coisa entre vocês?

— Mel... — começa, Miguel, mais baixo. — Isto nunca foi para durar. Eu já te queria ter dito... mas achei que também tinhas percebido. Funcionamos melhor como amigos. Isto nunca iria resultar.

Fico a olhar para eles um segundo a mais do que devia e um calor estranho sobe-me pelo pescoço, desconfortável, insistente, enquanto as minhas mãos tremem. Tento organizar os





pensamentos, agarrar-me às memórias, às noites em que ele se declarava, às promessas sussurradas, à forma como insistiu quando eu hesitei.

— Engraçado — digo, inclinando ligeiramente a cabeça. — Porque não era isso que dizias.

Sempre fui eu a criar distância, é verdade. A puxar o travão. Mas vê-lo agora reescrever a história, como se o entusiasmo, a insistência, tudo o que me convenceu a tentar, nunca tivessem existido, dói mais do que estou preparada para admitir.

Camila solta um pequeno riso pelo nariz, mas arregala olhos de surpresa.

— Miguel... — diz num tom apreensivo — Não me tinhas dito que namoravas. E, meu Deus... com alguém assim? — Inclina a cabeça, fitando-me. — Não estou a julgar, claro — acrescenta.

— Não... — O Miguel corrige-a rapidamente, tocando-lhe levemente na cara — Já não namoramos, amor!

Coloco a massa da tripa na chapa com mais força do que o necessário e tento respirar.

A nossa relação podia não ser perfeita, mas as memórias insistem. Entre tantas, lembro-me de celebrarmos, entre beijos desajeitados e sorrisos genuínos, o primeiro dia de faculdade — Engenharia do Ambiente para mim, Direito para ele.

Ele encontrou-me à saída da biblioteca. Trazia duas cervejas na mão. Sentámo-nos no chão frio, virados para as salinas, entre risos e ombros encostados. Ele falou sem parar, sobre o curso, sobre o futuro, sobre como fazia sentido estarmos ali, no mesmo momento, no mesmo caminho. E eu ri-me. Porque ele parecia tão seguro disso tudo que eu queria acreditar também.

Agora, a memória é substituída pela fantasia de atirar o corpo dele para um caixote de lixo orgânico, para não poder ser reciclado. Recuso-me a ser descartada, sobretudo quando fui eu quem teve de aprender a gostar dele. Recuso-me a aceitar que algumas



horas de silêncio signifiquem o fim de uma relação que ele próprio insistiu em começar.

Abro a prensa. Espalho desajeitadamente Nutella. Enrolo a massa. Polvilho com canela e entrego-a à Camila, que me observa com um olhar de desdém enquanto dá a primeira trinca. Entre o choque e a tentativa desesperada de manter a dignidade, esforço-me para não perder a compostura enquanto ouço o Miguel contar a sua história com a Camila. Conheceram-se há um mês, numa aula de Direito. Amor à primeira vista. Entre cadernos, canetas e olhares distraídos de futuros juristas. Uma história tão absurda que podia ser de uma comédia romântica.

Conto os segundos na minha cabeça e respiro fundo. Devia sentir-me grata. Afinal, estou a livrar-me de algo que nunca quis. Obrigada, força superior do Universo. Certo? Devia abraçar o meu guru interior, dar-me palmadinhas nas costas por ser tão evoluída... quase consigo sentir orgulho na pessoa adulta e racional que estou a tentar ser, até que...

Estou a imaginar ou a cara dela está a ficar estranhamente... vermelha?

Não. Não é imaginação.

Ela leva a mão à garganta. Depois à boca.

— Eu... não... consigo... — diz, como se as palavras estivessem a ser processadas por um sistema operativo em falha.

— Camila? Estás bem? Camila! — O Miguel entra em modo pânico absoluto.

Dou um passo atrás. Outro.

Olho para a tripa. Olho para a chapa. Olho para a Camila.

O meu momento de suposto crescimento pessoal é abruptamente interrompido pelo som da respiração entrecortada da Camila e pelo inchaço dos seus lábios. O Miguel tenta acalmá-la, tocando-lhe com o mesmo cuidado que antes era direcionado a mim.



— Diz-me que o chocolate não tinha frutos secos... Amélia!

O mundo abranda. Fico em choque. Depois de tudo o que acabei de descobrir, não me consigo lembrar de qual foi a tripa que ela pediu nem de qual é que acabei de fazer. Chocolate simples? Nutella? *Meu Deus, foi Nutella, não foi?*

Ela acaba sentada no chão, ainda a respirar com dificuldade. Quando acordei hoje de manhã, jamais imaginei que iria quase matar a nova namorada do meu namorado.

Isto não pode estar a acontecer. Não tenho salvação. Já consigo ouvir sirenes imaginárias ao longe. Polícia. Telejornais. «Estudante de Engenharia Ambiental ataca rival com sobremesa regional.» A Camila continua a lutar para respirar. O Sr. Zé entra na barraquinha a correr quando repara no alvoroço, o avental esvoaçando como se fosse parte de um filme de ação barato. Reparo na fila de clientes, todos em estado de choque, alguns com telemóveis levantados, como se estivessem a transmitir a catástrofe em direto. O Miguel finalmente encontra a EpiPen na carteira da Camila, que a esta altura já está desmaiada.

E eu... estou ali, apática, sem fazer nada. Cada segundo estica-se como se fosse uma eternidade, e eu sou obrigada a assistir, impotente, ao desmoronar daquilo que parecia uma tarde normal de trabalho.



— Não há problema, amor! Nem toda a gente pode ser boa a reparar nos pequenos detalhes, não é, Ana? — suspira a Camila, mais animada. De sorriso impecável, cabelo sedoso e maquilhagem sem um único borrão, consegue parecer saída de um catálogo de beleza. Aliás, se olhassem para nós as duas, mais depressa pensariam que eu é que tinha estado à beira da morte.

— É Amélia... — corrijo, tentando engolir o meu orgulho — Peço desculpa, mais uma vez!



O meu coração aperta-se, e os meus pulmões parecem ter-se esquecido de como funcionar. O Miguel despede-se de mim com um beijo na cara e aquele sorriso calmo, quase gentil. É impossível isto ser tudo normal para ele, certo? Ainda hoje de manhã namorávamos... ou, pelo menos, eu pensava que sim.

— Acontece aos melhores, amor. A Amélia não pensou, ela é mesmo assim — diz, já de costas, enquanto consola a Camila.

As palavras atingem-me com mais força do que qualquer desastre deste dia. *Ela é mesmo assim*. Como se fosse um defeito de fabrico. Cresci a ouvir o meu pai dizer que o carácter se mede na forma como lidamos com os erros. Que cair não é o problema — o problema é fingir que não aconteceu. Ensinou-me a assumir consequências, mesmo quando doíam. Especialmente quando doíam.

Lembro-me da primeira vez que lhe menti. Uma nota de teste escondida no fundo da mochila, durante semanas. Convenci-me de que, um dia, iríamos rir-nos disso. Eu, adulta. Ele, orgulhoso. Uma história leve para contar à mesa. Mas bastou um sorriso preocupado. Bastou ele perguntar, com aquela calma que sempre me desmontou, como estavam as minhas notas. Conteí tudo. Fiquei de castigo, claro. Mas o que me ficou marcado não foi a punição, foi a vergonha silenciosa de o ter desapontado.

É agora, anos depois, aqui estou eu outra vez. A levar com o rótulo de quem *não pensou*, enquanto algo dentro de mim se parte devagar, sem fazer barulho.

Nunca lidei bem com mentiras, especialmente se forem miúdas. Por isso, quando o Sr. Zé me perguntou, quando acabámos de atender o resto das pessoas, o que tinha acontecido, admiti tudo. Ou, bem... quase tudo. O meu patrão não precisa de saber que fui traída, e muito menos que a rapariga que estive prestes a eliminar é a nova namorada do meu ex-namorado.

— Amélia, lamento. És dedicada, mas... além de chegares sempre atrasada, és muitíssimo desastrada. Vou ter de encontrar



outra pessoa. — O Sr. Zé cruza os braços sobre a barriga, ajeita a barba branca aparada e lança-me aquele olhar preocupado que mistura reprovação com carinho paternal.

Fico ali, parada, a tentar decidir se rio ou se choro. O comentário é, de facto, a mais pura das verdades, mas nem isso impede que o meu coração fique pesado, alojando-se confortavelmente na mesma caixinha onde repousa a opinião negativa do Miguel sobre mim. Nunca percebi quando começou a minha tendência de destruir tudo à minha frente em míseros segundos. Sempre me perguntei se nasci com isto ou se simplesmente desaprendi como funciona um ser humano coordenado. Sim, sou organizada, mas também sou aquela pessoa que acorda com nódoas negras inexplicáveis e consegue partir um copo só por pestanejar.

— Há uma semana puseste demasiada canela numa tripa e acabaste por espirrar em cima do cliente. — O Sr. Zé continua, enquanto limpamos o quiosque e organizamos os ingredientes para o dia seguinte. — Hoje, quase levaste uma cliente para o hospital.

Já sem avental e com a minha melhor postura profissional, na esperança de que o meu recém-ex-patrão tenha um pingão de empatia, ouço as palavras que esmagam a Amélia que o meu pai sempre sonhou que eu fosse:

— Desculpa, miúda! — A frase vem acompanhada de um sorriso meigo, de um toque no ombro e do som reconfortante de 50€ a sair da caixa registadora.

Guardo as notas na carteira e como se eu fosse a protagonista de um drama coreano, quando saio do Fórum com tudo o que me é devido pelos últimos dias de trabalho, começa a chover.

— Só podem estar a gozar! — grito suficientemente alto, assustando as pessoas à minha volta.

É daquelas chuvas decididas, persistentes, que em poucos segundos me atravessa a roupa e me cola o cabelo à cara como

se tivesse estado à espera deste preciso instante. Aperto os braços contra o peito numa tentativa meio inútil de salvar o que me resta de dignidade.

Ao longe, um carro aproxima-se. Por um segundo, um único segundo, peço a todas as entidades superiores que ele se desvie da poça. Mas, não se desvia. A água levanta-se numa onda perfeita e atinge-me sem hesitação, como se também ela tivesse instruções muito claras sobre o seu papel nesta história.

Fico imóvel, pasmada.

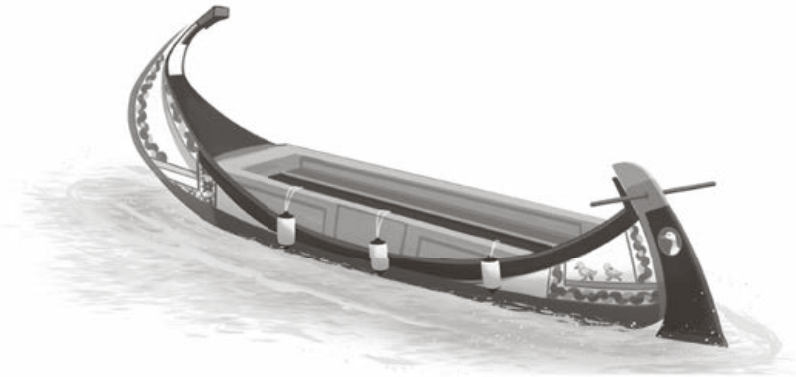
A chuva continua a cair, constante, indiferente.

Respiro fundo.

Ergo os olhos para o céu, à procura de... alguma coisa. Uma explicação, um sinal, mas não há nada. Claro que não há.

— OK — digo — Só para que fique registado: isto está a ficar um autêntico clichê preguiçoso.

Encolho os ombros, encharcada e demasiado cansada para protestar. Se isto parece o início de uma comédia romântica... estou oficialmente a exigir revisão de guião.





Uma comédia romântica com **patos** moliceiros e um vilão de toalha.

Foi um acidente!

A Amélia não sabe o que a espera. Entre despedimentos, um quase fake dating, animais com nomes de comida e segredos por descobrir, Aveiro nunca foi tão caoticamente **clichê**.

??????



Penguin
Random House
Grupo Editorial

🌐 seekthebutterfly.pt
📱 @secretsocietypt
#seekthebutterfly

ISBN: 978-989-589-476-5



9 789895 894765